

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Riachuelo

código
AVI - FO8 - DB

localização
RJ-116, após distrito de Monnerat, primeira estrada à direita de quem segue rumo a Cordeiro

município
Duas Barras

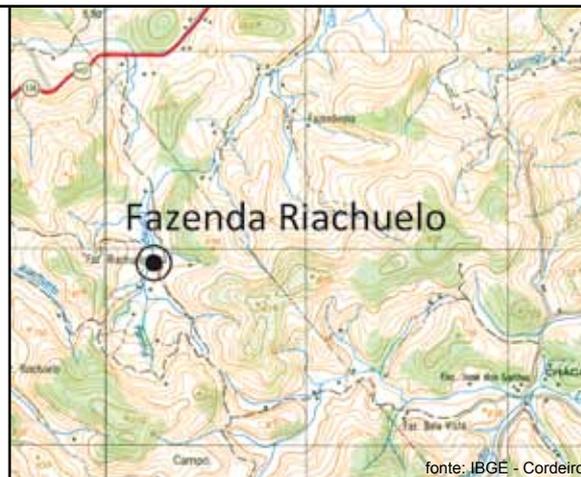
época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
gado de corte / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

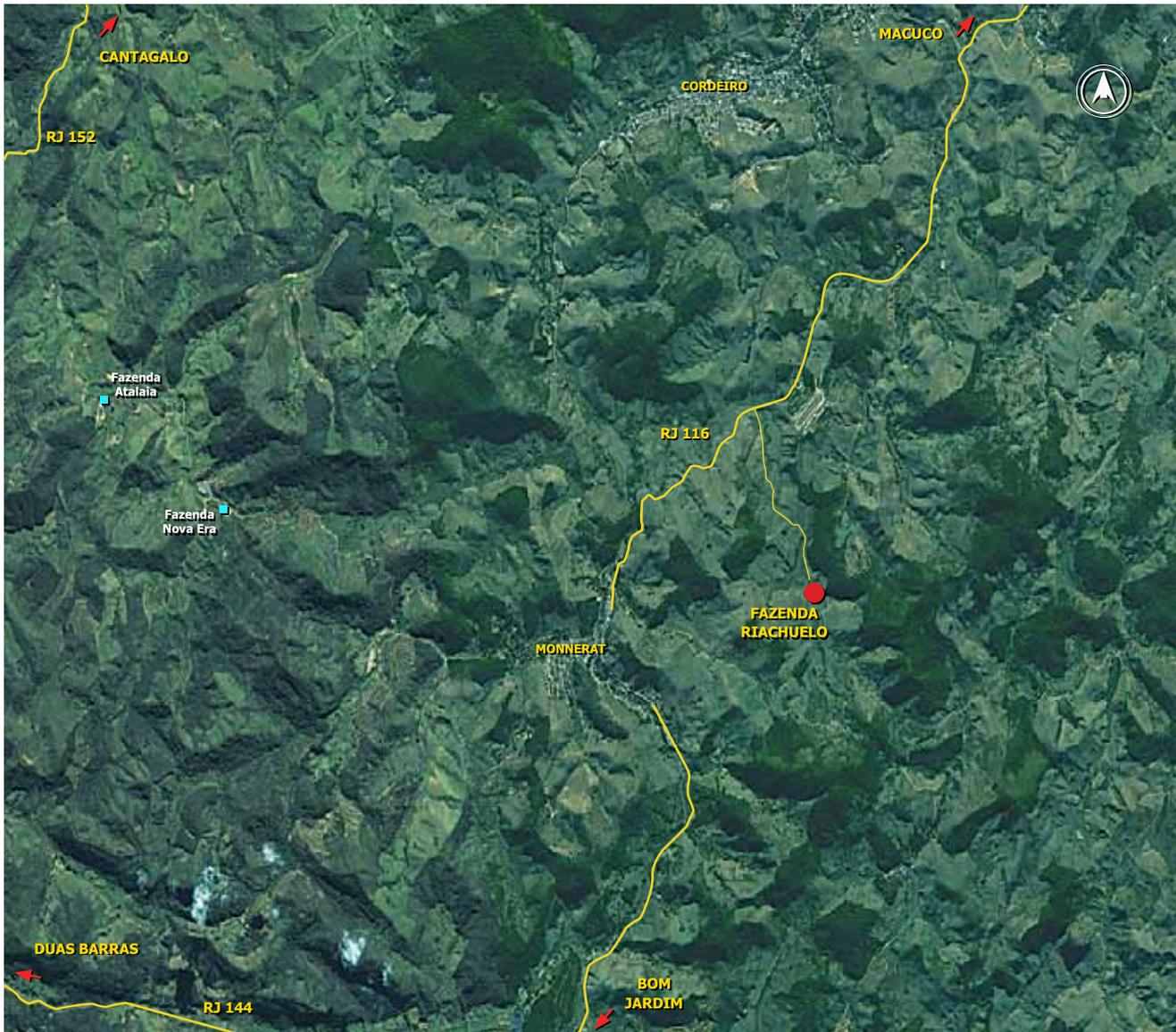
proprietário
particular



Fazenda Riachuelo, núcleo edificado

coordenador / data **Francyla Bousquet – jun 2010**
equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
histórico **Francyla Bousquet**

revisão / data
Dina Lerner – nov 2010



situação

A estrada onde está localizada a Fazenda Riachuelo fica a cerca de 3 km da sede do distrito de Monnerat, para quem trafega na RJ-116 em direção ao município de Cordeiro. O caminho é em chão de terra batida, de leito irregular, em aclives e declives que segue por um pequeno vale cercado por morrotes e sem outras propriedades visíveis no trajeto.

A entrada para a estância pode ser feita através de dois acessos, sendo o primeiro mais difícil de ser visualizado, por estar encoberto pela vegetação. A referência é uma estrutura que serve de ponte, conhecida como “mata-burro”, que são vigas metálicas colocadas em paralelo com espaçamento regular entre elas, cuja função é impedir a passagem de animais pelo local.

Vencido esse ponto, e após um estreitamento dessa estradinha de terra (f01), avista-se um grupamento de palmeiras demarcando as laterais do antigo caminho – hoje inexistente – que conduzia ao núcleo histórico (f02, f03 e f04).

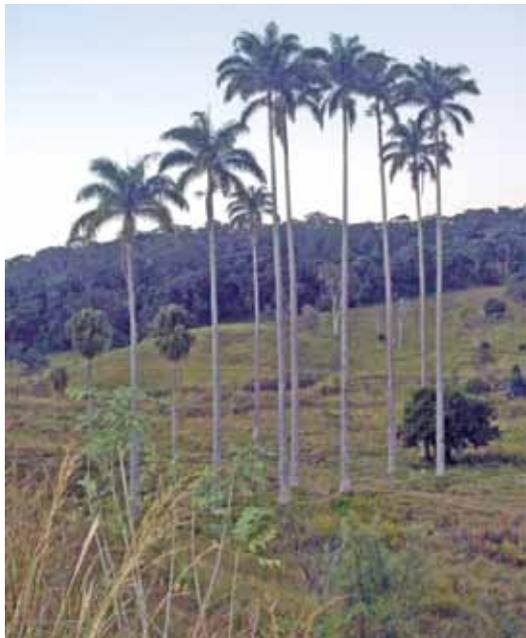


01



02

Seguindo adiante, nova linha de palmeiras se destaca à frente do antigo terreiro de café, demarcando os limites da área de produção da fazenda. Integram esse conjunto os edifícios do engenho (f05), tulha (f06), paiol (f07), antiga senzala (f08) e moinho/curral (f09), que se encontram dispostos em torno do espaço central onde se localiza o belo terreiro de café (f10), para onde convergem os olhares, e cuja amplitude é acentuada pela composição da paisagem natural circundante.



03



04



05



06



07



08



09



10

A segunda opção de acesso está situada a 500 metros adiante da primeira (f11): nesse local, há uma porteira que permite alcançar, diretamente por essa lateral, o setor produtivo da fazenda, onde ficam a tulha e o engenho (f12). Por esse caminho, é possível ter uma ampla e interessante visão da propriedade, apesar da impossibilidade de percorrê-lo na ocasião do inventário, tendo em vista que a estrutura da ponte existente, que transpunha o Córrego Parimá, foi levada com as chuvas.



11



12

Segundo informações do proprietário, não há nenhum indício material da existência das instalações da sede correspondente ao núcleo original da fazenda. A antiga senzala é agora utilizada como sede, mantendo-se íntegra, bem como o paiol, uma reconstrução que reproduziu em pormenores a estrutura – ou arquitetura – da antiga edificação.

Os demais edifícios – tulha, moinho e engenho – sofrem com as cheias dos rios, que abalam seus alicerces e enfraquecem suas estruturas superiores.

A fazenda é cortada por dois córregos: além do já citado Parimá, também o Riachuelo. O primeiro adentra os domínios da fazenda junto ao engenho. Parte dele era canalizada para um antigo açude, que por sua vez distribuía água para o moinho e engenho através de canaletas (f13, f14 e f15), tendo como ponto final os tanques de lavagem de café (f16).

Complementar ao já descrito, afastado desse núcleo, há um conjunto de silos para estocagem de grãos, de fatura recente (f17).



13



14



15



16



17

As edificações remanescentes do complexo original têm em comum o sistema construtivo e revestimentos: cobertura em telhas coloniais, embasamento em pedra e tijolos maciços e vedações em pau a pique.

O paiol, reedificado, provavelmente não apresenta mais essas características que irmanam as demais construções, frutos de uma mesma época e de uma tecnologia de construção diversa da contemporânea.

A atual sede já se encontra bastante modificada, com a inserção de varandas (f18), acréscimo de banheiros (f19) e outras benesses advindas de novos tempos e de utilização revista.

No entanto o engenho e a tulha se apresentam tal e qual no passado, o que nos desperta o interesse por uma análise mais cuidadosa.

Ambos os edifícios foram erigidos sobre arrimo de nível, o que significa dizer que a face voltada para o terreiro de café apresenta único pavimento (f20), mas a face posterior exhibe um porão, no caso da tulha, alto e utilizável (f21).

Os esteios aparentes de estrutura das empenas, aliados aos grandes panos de cobertura com boa inclinação, remete-nos à arquitetura tradicional dos engenhos de açúcar espalhados pelo interior do país.

O prédio do engenho, edificado junto aos tanques de lavagem de café, exhibe grandes portas de acesso ao piso contíguo ao terreiro, cujas folhas já foram parcialmente substituídas por outras de padrão contemporâneo (ver f06, f16 e f22), sendo percebidos ainda brises verticais para proteção do sol e ventilação do interior.



18



19



20



21



22

A fachada lateral esquerda mostra o comportamento da construção em relação ao desnível sobre o qual foi implantada (f23). O pano de cobertura posterior se estende até proteger por completo o porão, que se amplia na mesma dimensão longitudinal do piso superior (f24). Os vãos laterais são parcialmente fechados com régua de madeira, protegendo assim a parte coberta do vento e chuva.

Nessa área, é possível ver o arrimo que estabelece o corte no terreno, bem como os barrotes de madeira que suportam o pavimento superior (f25), os quais, por sua vez, estão apoiados sobre pilares de tijolos maciços. Junto ao acesso ao porão, há um nicho em pedra onde funcionava a roda d'água do engenho (f26). Nesse ambiente também está o forno a lenha com respectiva chaminé (f27), acompanhado de uma sequência de tachos de cobre onde era produzida rapadura (f28 e f29).



23



24



25



26



27



28



29

Logo ao lado desse conjunto está um pequeno forno a lenha arruinado (f30). Mais adiante, ao final da cobertura do porão, vê-se o moinho, cujo acesso é realizado apenas nesse nível (f31) – muito embora esteja em estado precário de conservação, ainda mantém a roda d'água (f32) que movimentava a moenda de milho (f33).

O edifício da tulha, localizado ao lado do engenho, está separado do primeiro por uma cerca de madeira e portão de acesso (f34) – há para ele uma saída do terreiro de café (ver prancha 01/03). As grandes portas de acesso abrem-se para uma varanda, à frente da qual há uma grande canaleta revestida em pedra para drenagem das águas de chuva (f35).

Assim como o edifício do engenho, exhibe porão em sua face posterior, mas de menor altura, não lhe permitindo a utilização (f36).



30



31



32



33



34



35



36

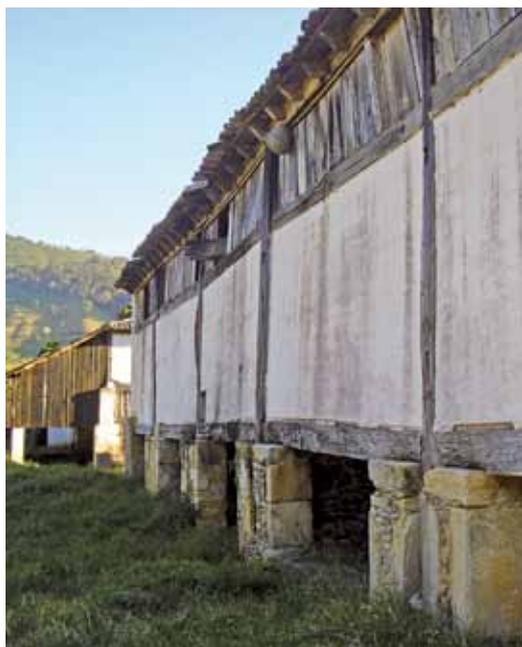
A pequena altura, no entanto, permite ver o arrimo de pedra e os generosos barrotes de sustentação do pavimento corrido da edificação (f37). O suporte do pavimento de acesso aqui também é realizado por pilares de tijolos maciços, de pequena estatura (f38), que formam uma sequência que sustenta toda a fachada posterior (f39). Analisando o partido arquitetônico, essa construção se assemelha a uma grande caixa com ventilação (ver f05, f36 e f39). Estabelecendo uma correlação com sua utilização, era exatamente ao que se prestava – uma caixa para guardar café, arejada o suficiente para que o fruto não se degradasse. Aos grandes panos brancos de vedação une-se, em nível acima, uma linha de réguas verticais que percorre toda fachada posterior e as laterais (f40). Internamente, o edifício de pé-direito generoso se encontra quase todo escorado, fruto de debilidade estrutural (f41). Mas ali ainda estão guardadas máquinas de moer café (f42), do tempo não muito distante em que a fazenda ainda se dedicava ao seu cultivo. Por fim, o grande terreiro de café: delimitado por mureta baixa de pedra com revestimento em argamassa, exhibe detalhes como os portões de acesso, os ladrões para permitir o escoamento de águas (f43) e lampiões para iluminação dessa área central (f44), cujas luzes promovem um ambiente bucólico quando a noite toma conta do lugar.



37



38



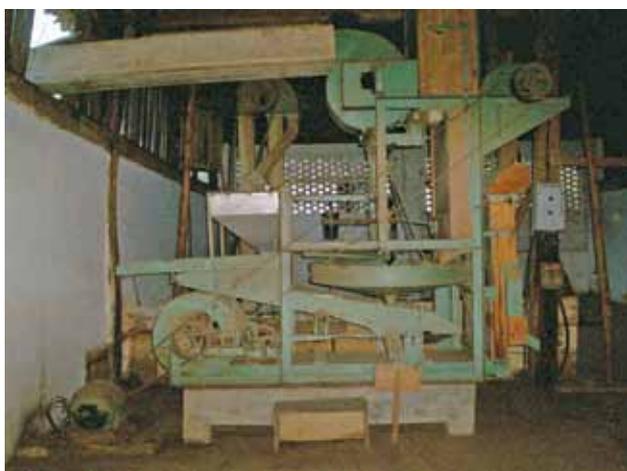
39



40



41



42



43



44

As edificações antigas da Fazenda Riachuelo perecem com o passar do tempo: à exceção da sede e do paiol, conforme já descrito, a tulha e o engenho se desestabilizam a cada cheia do Córrego Parimá, que invade com suas águas os respectivos porões, umedecendo tanto seus alicerces (f45) e estruturas de madeira (f46) quanto as vedações de pau a pique (f47 e f48). As longas peças em madeira do beiral também exibem fadiga (f49), sobrecarregando as demais que lhes dão suporte.

Muito embora tenha apreço e cuidado pela fazenda, o proprietário admite ter dificuldades para cuidar de tantos e tão grandes problemas de natureza física e estrutural, agravados sobremaneira pelos eventos naturais e intempéries.

Declarou, inclusive, que, com intuito de manutenção da fazenda, tem feito algumas tentativas de arrendar parte das instalações e da área para outros usuários – a construção dos silos foi uma delas –, mas que a distância e a ausência do poder público na localidade tornam o sítio vulnerável às ações de malfeitores e roubos, quando não se encontra na propriedade.



45



46



47



48

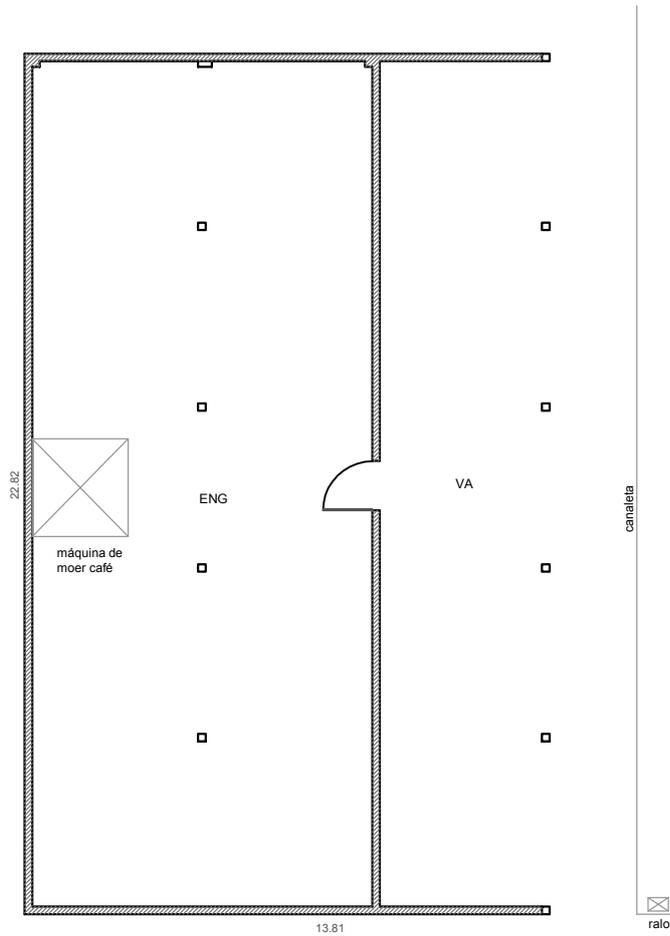


49

FAZENDA RIACHUELO



FAZENDA RIACHUELO



1 Planta Baixa do Engenho - pavimento de acesso
escala: 1/200



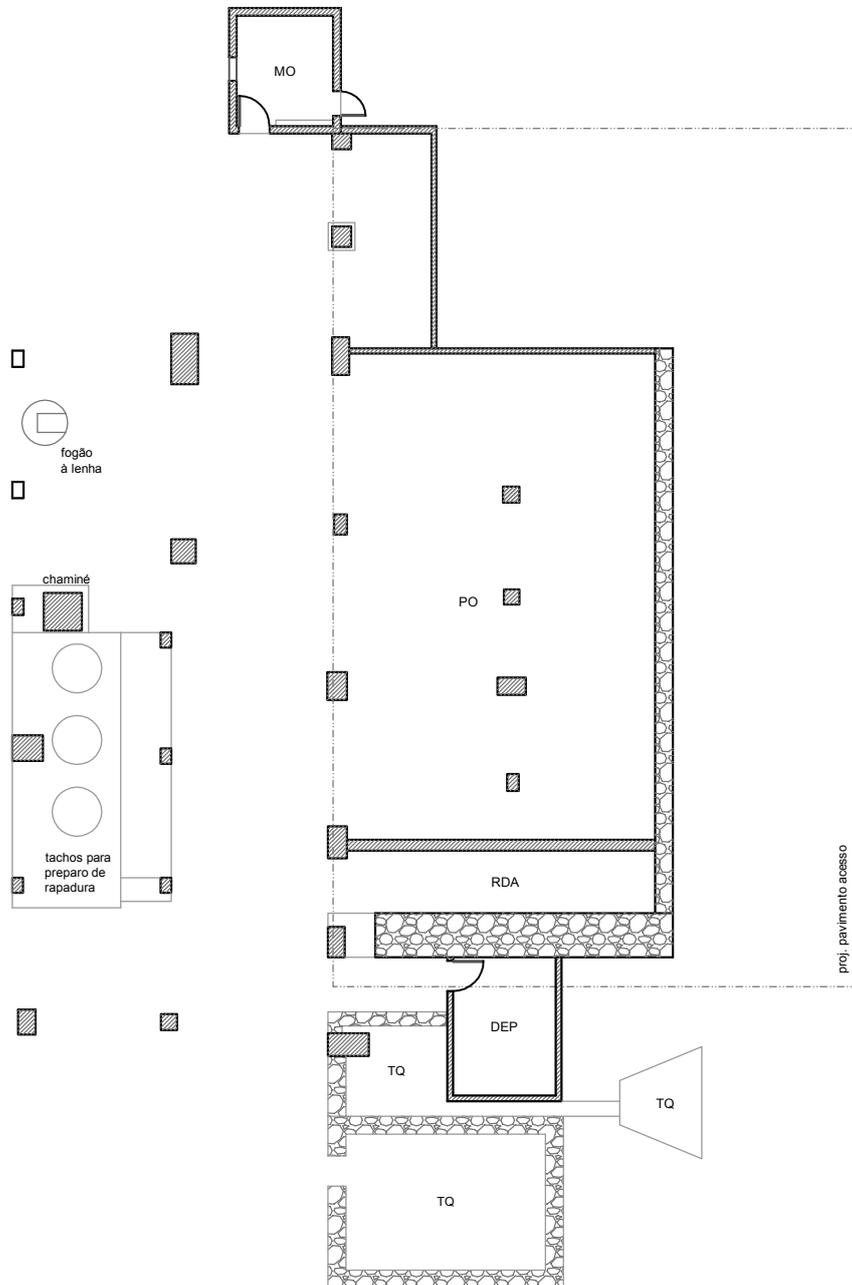
ENG - engenho
VA - varanda

alvenaria existente
 alvenaria demolida

FAZENDA RIACHUELO

Observações:

- Os tanques e a roda d'água eram alimentados pela água que vinha da canaleta em frente ao engenho de café.



Engenho - Porão

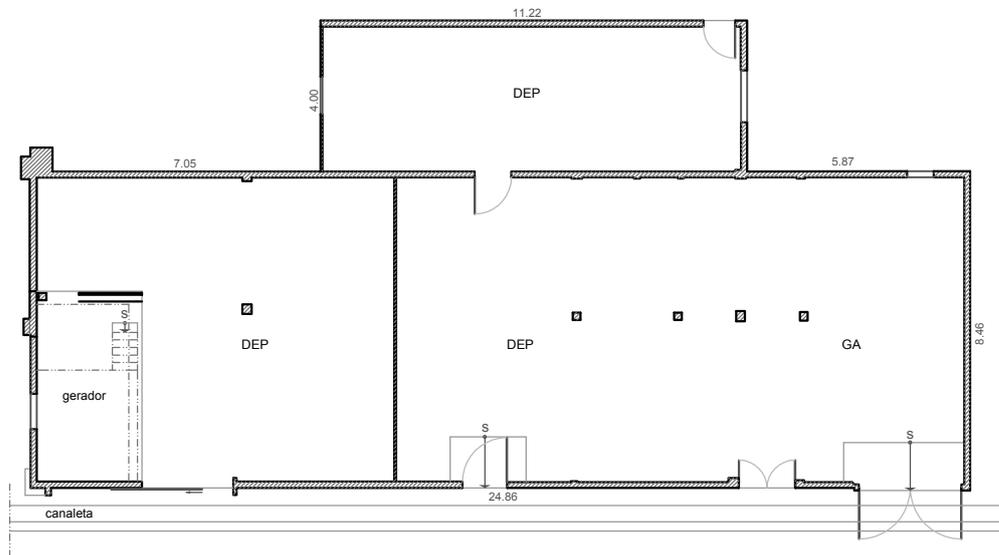
escala: 1/200



DEP - depósito MO - moinho RDA - roda d'água
 ENG - engenho PO - porão TQ - tanque de lavagem de café

alvenaria existente
 alvenaria demolida

FAZENDA RIACHUELO



1 Planta Baixa da Tulha

escala: 1/200



DEP - depósito
GA - garagem

alvenaria existente
 alvenaria demolida

Nos idos de 1922, a Fazenda Riachuelo (f50) já era de propriedade do Dr. Constâncio Monnerat, que além de fazendeiro como seu pai, acumulava as atividades de advogado e político, representando o município de Duas Barras na Assembleia Legislativa.

Próxima do hoje distrito-sede de Monnerat, suas terras eram servidas pela proximidade da estrada de ferro, além de contar com boas estradas de rodagem que lhe permitiam fácil acesso a Cantagalo.

Nesse tempo, a estância possuía 207 alqueires, lavouras de café e cereais, além de açude, engenho de cana, e abastecimento de luz elétrica. Ali trabalhavam colonos de várias nacionalidades, como italianos, espanhóis e portugueses. Ainda existia a antiga sede, considerada uma boa casa de residência.

A família do atual proprietário adquiriu a Riachuelo em 1970. Desde então, a fazenda, com suas estruturas originais, vinha sendo utilizada para o plantio de café, até o momento em que a produção requereu maior infraestrutura, o que motivou a mudança da produção para outra localidade.

Hoje, devido às dificuldades já elencadas para manutenção do local, a atividade da fazenda ficou parcialmente restrita ao gado de corte, estando, a maior parte da propriedade sem utilização.

